

A LITERATURA PARA CRIANÇAS

Profa. Ms. Viviane Lima Martins

Doutoranda em Comunicação

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade destacar um panorama da Literatura direcionada para crianças, mostrando os diferentes tipos de textos que compõem o grande número de obras infantis que temos até hoje. A importância da Literatura no desenvolvimento cognitivo e sua utilização na prática docente, também são destacadas no artigo.

Palavras-chave: literatura infantil, gêneros literários, leitura.

Abstract

This article aims to highlight an overview of the literature directed toward children, showing the different kinds of texts that make up the large number of works for children that we have today. The importance of literature in cognitive development and its use in teaching practice, are also highlighted in the article.

Keywords: children's literature, literary genres, reading.

Introdução

O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem, no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significação para todos. Concentra-se aqui a íntima relação entre a literatura e a oralidade.

A célula mãe da Literatura Infantil encontra-se na Novelística Popular Medieval que tem suas origens na Índia. Descobriu-se que desde essa época a palavra impôs-se ao homem como algo mágico, como um poder misterioso, que tanto poderia proteger, como ameaçar, construir ou destruir. São, também, de caráter mágico ou fantasioso, as narrativas conhecidas, hoje, como literatura primordial. Nelas foi descoberto o fundo fabuloso das narrativas orientais, que surgiram séculos antes de Cristo e difundiram-se por todo o mundo, através da tradição oral.

A primeira obra realmente direcionada ao público infantil foi uma coletânea de cantigas infantis publicada por Mary Cooper em 1744. O seu sugestivo título era: Para todos os pequenos senhores e senhoritas, para ser cantado para eles por suas babás até que possam cantar sozinhos. Uma segunda coletânea era intitulada Melodia da Mamãe

Gansa, provavelmente do livreiro John Newbery - 1760, por isso ele é considerado o precursor na descoberta e exploração do mercado de livros para crianças.

O aparecimento da Literatura Infantil tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo "status" concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Sua emergência deveu-se, antes de tudo, à sua associação com a Pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento dela.

É a partir do século XVIII que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

1. As diversas modalidades de textos infantis

Fábulas (do latim- fari - falar e do grego - Phao - contar algo)

Narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais, que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade. A apresentação de uma exemplaridade espelha a moralidade social da época. Essa moral é fechada, inquestionável. A não-mudança implementada pelas fábulas retrata uma preocupação com a manutenção da ordem estabelecida. Oferece, então, um modelo de comportamento maniqueísta; onde o "certo" deve ser copiado e o "errado", evitado.

Contos de Fadas

Pode-se dizer que os contos de fadas, na versão literária, atualizam ou reinterpretam, em suas variantes questões universais, como os conflitos do poder e a formação dos valores, misturando realidade e fantasia, no clima do "Era uma vez...".

Por lidarem com conteúdos da sabedoria popular, com conteúdos essenciais da condição humana, é que esses contos de fadas são importantes, perpetuando-se até hoje. Neles encontramos o amor, os medos, as dificuldades de ser criança, as carências (materiais e afetivas), as autodescobertas, as perdas, as buscas, a solidão e o encontro.

Lendas (do latim legenda/legen - ler)

A lenda, em especial as mitológicas, constitui o resumo do assombro e do temor do homem diante do mundo e uma explicação necessária das coisas. A lenda, assim, não é mais do que o pensamento infantil da humanidade, em sua primeira etapa, refletindo o drama humano ante o outro, em que atuam os astros e meteoros, forças desencadeadas e ocultas. A lenda é uma forma de narrativa antiquíssima, cujo argumento é tirado da tradição. Relato de acontecimentos, onde o maravilhoso e o imaginário superam o histórico e o verdadeiro.

Teatro

A dramatização aparece como uma nova alternativa para o aprendizado. Através da representação é possível passar várias informações.

O teatro para crianças nasce com o teatro para família, em 1904, com a obra *Peter Pan* do escocês James Barrie.

No Brasil, dentre alguns dramaturgos que se destacam no teatro infantil, temos Maria Clara Machado. Esta iniciou-se no teatro por uma das mais sólidas vias: a do contacto imediato com o público, a da experiência pessoal de ator. Suas peças partem, não de palavras, mas de fatos cênicos: porque foram de início, visualizadas, percebidas como realidades calcadas diretamente no palco e não apenas escrita sobre o papel.

Poesia

O gênero poético tem uma configuração distinta dos demais gêneros literários. Sua brevidade, aliada ao potencial simbólico apresentado, transforma a poesia em uma atraente e lúdica forma de contato com o texto literário.

Há poetas que quase brincam com as palavras, de modo a cativar as crianças que ouvem, ou lêem esse tipo de texto. Lidam com toda uma ludicidade verbal, sonora e musical, no jeito como vão juntando as palavras e acabam por tornar a leitura algo muito divertido.

Como recursos para despertar o interesse do pequeno leitor, os autores utilizam-se de rimas bem simples e que usem palavras do cotidiano infantil; um ritmo que apresente certa musicalidade ao texto; repetição, para fixação da idéias, e melhor compreensão dentre outros.

Narrativas

Há diversas formas de se narrar um texto; portanto em todos os gêneros apresentados anteriormente encontramos formas diferentes de narração, seja esta com rimas, como poesias, seja em prosa, como os contos, lendas, etc.

No entanto, não podemos deixar de mencionar a evolução pela qual passou, e vem passando, a narrativa moderna para crianças. O incentivo à produção literária, através de prêmios como o Prêmio Jabuti, e o aumento no consumo de livros infantis foram os responsáveis diretos por tamanha mudança.

Hoje, o Brasil conta com uma gama de autores premiados e, inclusive, com reconhecimento no exterior, como é o caso do escritor e cartunista Ziraldo e da escritora Ana Maria Machado, além de Ruth Rocha, Eva Furnai e Pedro Bandeira.

1.1. As tendências da literatura infantil brasileira

Na década de 40 e na segunda metade do século XX a produção literária para crianças começou a tomar proporções maiores, atingindo assim, um público também maior.

A poesia infantil ganhou ênfase com escritores de grande expressão nacional, como Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. Um exemplo disso é o livro *Berimbau*, de Bandeira, o qual mostra que através de sons, produzidos pelas letras, e de versos, é possível recriar no imaginário da criança todo o universo que engloba a obra.

O campo sempre foi um dos principais cenários para grandes obras infantis, seja desde seus primórdios, com fábulas e contos europeus, seja nos dias atuais. Tal tendência ao *ruralismo* é encontrada facilmente em algumas produções infantis brasileiras desde o início do século XX, ganhando ênfase na visão de escritores mais modernos.

Temos figuras imortais criadas por Monteiro Lobato, inseridas em um sítio, como é o caso das personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo, as quais serviram de molde para gerações e gerações de crianças. No contexto do Sítio, Monteiro Lobato expôs o povo ao seu folclore e suas origens, valorizando a cultura do país.

Sem assumir o posicionamento questionador de Lobato, mas evitando também o paternalismo social e o preconceito étnico, que vinham marcando essa tendência da ficção infantil, autores como Luís Jardim, de *O boi aruá*, não representavam ainda inovação radical. Esta veio em 1944, com Graciliano Ramos e seu livro *Alexandre e outros heróis*.

Graciliano vale-se igualmente do folclore nordestino, como Jardim, e mimetiza a cena onde ocorre a transmissão dos casos, como Lobato. Por isso o espaço físico é tão importante quanto às figuras humanas que o ocupam. Mais uma vez temática e recursos composicionais se fundem, evidenciando a unidade da obra de Graciliano. Tal fato indica ainda como o escritor conseguiu suplantar as dificuldades que a incorporação do folclore geralmente apresenta, realizando um propósito modernista, mantendo-se fiel ao seu gênero para adultos e crianças.

Outros escritores como Érico Veríssimo, em *Menino de Engenho*, e Lourenço Filho, com *O indiozinho* e *Gauchita*, também marcaram de forma importante a tendência ruralista na literatura brasileira. Atualmente, autores como Ana Maria Machado e Ziraldo e Ruth Rocha também procuram valorizar o cenário do campo em muitos de seus livros.

Outra tendência, um pouco mais moderna e mais utilizada ultimamente é a *urbanista*, isto é, a utilização de cenário modernos, como cidades e metrópoles. Tal tendência evidencia-se mais nas obras voltadas para o público infanto-juvenil, porém há uma grande quantidade de livros infantis cujas histórias se passam nas grandes cidades.

O sinal de partida foi dado por Isa Silveira Leal, e sua série de Glorinhas: *Glorinha*, *Glorinha e o mar*, *Glorinha bandeirante*, *Glorinha e a quermesse*, *Glorinha radioamadora*, de 1958 a 1970. Ao contrário da tendência ruralista, que valorizava o folclore nacional e o modo de vida no campo, a tendência urbanista aproxima-se mais do cotidiano das cidades, estando também mais próxima da realidade da maioria dos leitores.

Apesar de todas as diferenças que apresentam é possível nota que a produção literária para crianças ainda possui um ponto de convergência: induzir a criança ao lazer, ao senso crítico e ao prazer de descobrir através da leitura.

2. Os livros infantis e o desenvolvimento cognitivo da criança

O caminho para a redescoberta da Literatura Infantil, em nosso século, foi aberto pela Psicologia Experimental que, revelando a Inteligência como um elemento estruturador do universo que cada indivíduo constrói dentro de si, chama a atenção para os diferentes estágios de seu desenvolvimento (da infância à adolescência) e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto.

A sucessão das fases evolutivas da inteligência (ou estruturas mentais) é constante e igual para todos. As idades correspondentes a cada uma delas podem mudar, dependendo da criança, ou do meio em que ela vive.

2.1. Histórias para crianças (faixa etária/áreas de interesse/materiais/livros): 1 a 2 anos

A criança, nessa faixa etária, prende-se ao movimento, ao tom de voz, e não ao conteúdo do que é contado. Ela presta atenção ao movimento de fantoches e a objetos que conversam com ela. As histórias devem ser rápidas e curtas. O ideal é inventá-las na hora. Os livros de pano, madeira e plástico, também prendem a atenção. Devem ter, somente, uma gravura em cada página, mostrando coisas simples e atrativas visualmente. Nesta fase, há uma grande necessidade de pegar a história, segurar o fantoche, agarrar o livro, etc. *2 a 3 anos* Nessa fase, as histórias ainda devem ser rápidas, com pouco texto de um enredo simples e vivo, poucos personagens, aproximando-se, ao máximo, das vivências da criança. Devem ser contadas com muito ritmo e entonação. Tem grande interesse por histórias de bichinhos, brinquedos e seres da natureza humanizados. Identifica-se, facilmente, com todos eles. Prendem-se a gravuras grandes e com poucos detalhes. Os fantoches continuam sendo o material mais adequado. A música exerce um grande fascínio sobre ela. A criança acredita que tudo ao seu redor tem vida e vivência, por isso, a história transforma-se em algo real, como se estivesse acontecendo mesmo.

2.2. Histórias para crianças (faixa etária/áreas de interesse/materiais/livros): 3 a 6 anos

Os livros adequados a essa fase devem propor "vivências radicadas" no cotidiano familiar da criança e apresentar determinadas características estilísticas.

Predomínio absoluto da imagem, (gravuras, ilustrações, desenhos, etc.), sem texto escrito, ou com textos brevíssimos, que podem ser lidos, ou dramatizados pelo adulto, a fim de que a criança perceba a inter-relação existente entre o "mundo real", que a cerca, e o "mundo da palavra", que nomeia o real. É a nomeação das coisas que leva a criança a um convívio inteligente, afetivo e profundo com a realidade circundante.

As imagens devem sugerir uma situação que seja significativa para a criança, ou que lhe seja, de alguma forma, atraente.

A graça, o humor, um certo clima de expectativa, ou mistério são fatores essenciais nos livros para o pré-leitor. As crianças, nessa fase, gostam de ouvir a história várias vezes. É a fase de "conte outra vez".

Histórias com dobraduras simples, que a criança possa acompanhar, também exercem grande fascínio. Outro recurso é a transformação do contador de histórias com roupas e objetos característicos. A criança acredita, realmente, que o contador de histórias se transformou no personagem ao colocar uma máscara, chapéu, capa, etc.

Podemos enriquecer a base de experiências da criança, variando o material que lhe é oferecido. Materiais como massa de modelar e argila atraem a criança para novas experimentações. Por exemplo, a história do "Bonequinho Doce" sugere a confecção de um bonequinho de massa, e a história da "Galinha Ruiva" pode sugerir amassar e assar um pão.

Assim como as histórias infantis, os contos de fadas têm um determinado momento para serem introduzidos no desenvolvimento da criança, variando de acordo com o grau de complexidade de cada história.

Os contos de fadas, tais como: "O Lobo e os Sete Cabritinhos", "Os Três Porquinhos", "Cachinhos de Ouro", "A Galinha Ruiva" e "O Patinho Feio" apresentam uma estrutura bastante simples e têm poucos personagens, sendo adequados a crianças entre 3 e 4 anos. Enquanto, "Chapeuzinho Vermelho", "O Soldadinho de Chumbo" (conto de Andersen), "Pedro e o Lobo", "João e Maria", "Míndinha" e o "Pequeno Polegar" são adequados a crianças entre 4 e 6 anos.

2.3. Histórias para crianças (faixa etária/áreas de interesse/materiais/livros): 6 a 6 anos e 11 meses

Os contos de fadas citados na fase anterior ainda exercem fascínio nessa fase. "Branca de Neve e os Sete Anões", "Cinderela", "A Bela Adormecida", "João e o Pé de Feijão", "Pinóquio" e "O Gato de Botas" podem ser contados com poucos detalhes.

3. A Literatura Infantil na sala de aula

Trabalhar a literatura infantil na sala de aula vem sendo um desafio para alguns professores devido ao desinteresse pela leitura por parte da criança. Porém, vejamos algumas formas de se trabalhar com os livros em todas as suas vertentes: escrita, leitura e compreensão. Uma primeira maneira, mais comumente utilizada no primeiro segmento do Ensino Fundamental, é o trabalho com atividades orais, nas quais o aluno é colocado frente ao tema, e não diante do texto, visto como ponto de partida para outras atividades. Um segundo momento, seria a leitura do livro, que se mede por meio de avaliações ortodoxas, centradas no enredo e que, quando muito, passam pelo «julgamento» dos personagens nesse último caso avalia-se «se» e não «como» o aluno leu.

Em relação à escrita, detectamos que a produção se dá, quase sempre, a partir de um texto lido, solicitando-se, freqüentemente, que o aluno altere a história original. A avaliação dessa produção passa, basicamente, pela ortografia e pela pontuação; mais tarde, alguns outros aspectos da normatização da Língua são levados em consideração, em atividades aparentemente contextualizadas à realidade do aluno. O ponto comum reside no fato de que o professor é o único avaliador de um trabalho que, mesmo divergente em essência, é tomado como algo convergente.

Tal levantamento nos permitiu concluir que o trabalho realizado na escola, numa perspectiva tradicional, em nada desperta no aluno o gosto pela leitura ou pela escrita, contribuindo muito pouco para o desenvolvimento efetivo da linguagem, na medida em que rotula a diferença como erro, além de desprezar o prazer da leitura enquanto prazer da descoberta. Além disso, todo esse trabalho se reveste de um caráter nefasto de cobranças, que não permite que o aluno veja o livro como um instrumento de prazer ao menos não no livro que é «pedido» pela escola.

O mesmo ocorre com a escrita: trabalhos anteriores já haviam concluído que a produção escrita se dá de modo significativamente mais eficaz quando é consequência de um processo de incentivo, de modo geral a leitura de um texto. Quando o elemento

de incentivo se coloca fora do nível de interesse do aluno, a consequência é o desinteresse também pela escrita.

No âmbito da leitura, temos que linguagem literária pressupõe um conteúdo manifesto, ou seja, uma cadeia significativa que se evidencia ao leitor, e um conteúdo latente, ou seja, uma cadeia significativa subjacente ao texto. No entanto não podemos esquecer o caráter plural do texto, que, portanto, comporta várias leituras, não havendo sentido em privilegiar uma dentre todas as suas leituras possíveis.

3.1. A Literatura Infantil e os PCN

A leitura dos novos *Parâmetros Curriculares Nacionais* do ensino fundamental é muito importante não só para educadores como também para todos os profissionais ligados à leitura e à literatura infantil e juvenil, incluindo os editores. Se a extensão do material, inicialmente, assusta, sua leitura é agradável e interessante porque o texto, teoricamente embasado, consegue unir vários pensadores de maneira inteligente e esclarecedora quanto à formação do ser humano.

Sabemos de antemão que dadas as diferentes realidades do país, a sua implantação e evolução vai se dar em diversas gradações e maneiras. Mas o que nos importa mesmo é que seja bem acolhida e colabore para diminuir os índices de analfabetismo e possibilitem que mais crianças tenham acesso a leitura, educação e conseqüentemente direito ao exercício de sua cidadania de forma questionadora, consciente e, portanto dialética.

Pela maneira como a proposta foi estruturada, parece-nos que será possível que isso aconteça nas próximas décadas. Para que essa concretização seja satisfatória, alguns pontos fundamentais precisam ser discutidos. Um deles é a dinâmica do trabalho dos professores com textos informativos, que exigem a prática da leitura e a exploração de formas diversas de desenvolver um trabalho lúcido e criativo, com os textos estéticos e no profícuo diálogo deles com outras matérias. Outro ponto fundamental desse dinamismo seria o posicionamento maduro dos editores quanto à educação e à cultura, pois a sua sensibilização e participação nesse processo são de importância para a escola e a sociedade em geral.

É importante ressaltar que, ao se estabelecer a distinção, procura-se apontar de modo preciso a estreita articulação que mantêm e que diz respeito exatamente ao terreno de valores, presentes na prática e na reflexão de homens e mulheres nas sociedades. Logo, a ética trabalha com o conjunto de princípios que dialogam com a sociedade em constante mutação e busca da valorização da vida humana e de sua expressão no meio social. Por isso, o tema da ética é a base que se abre para os demais veios. Nesse aspecto, o papel da Literatura Infantil e Juvenil é vital. Ela vem trabalhando de várias formas, sob pontos de vista diversificados, questões pertinentes à infância e adolescência em narrativas de cunho estético.

Toda essa dinâmica de trabalho articulado propõe o diálogo entre as diversas áreas e pede a todos os docentes que estabeleçam um sério compromisso com trabalho a ser desenvolvido com os temas transversais, que não é incumbência única do professor de português e sim de todos os professores de outros conteúdos. Essa indicação é inédita na nossa educação e, conforme constatamos, tem sido difícil aos professores assimilar que, eles também, precisam exercitar a sua leitura de mundo.

Observando a maneira como esses gêneros e temas têm sido trabalhados nos últimos anos por nossos autores, percebemos o quanto os textos apresentam uma

proposta ética e o quanto muitos deles apresentam elementos da pluralidade cultural. Essa gama de narrativas tem possibilitado aos leitores uma rica vivência de leituras diversificadas, "uma dieta de leitura saudável" no dizer da escritora Ana Maria Machado, porque apresentam pontos de vista muitas vezes inusitados sobre questões sobre as quais as crianças pouco refletem no seu universo pessoal, questões que lhe apontam a possibilidade do exercício do sonho e da utopia, possibilitando a sua inserção e expressão no meio social. E vai ser no meio social que a criança encontra campo para exercitar sua cidadania.

Conclusão

A partir da pesquisa realizada sobre Literatura Infantil podemos concluir que, a produção literária para crianças cresceu de forma satisfatória e qualificada.

O livro infantil, hoje, é fundamental para o desenvolvido cultural da criança já que, além de apresentar aspectos cotidianos e reais, também trabalha com aspectos psicanalíticos, medos, alegrias, sentidos.

Em geral, o texto infantil tende a ressaltar valores e nós, como educadores, devemos estar preparados para trabalhar tais diversidades.

O teatro, as narrativas e as poesias podem contribuir de forma marcante para a criança, afinal quem de nós não lembra das famosas histórias de Carochinha, ou dos contos de Emília? Muitos de seus valores fazem parte de nossas vidas; seus ensinamentos, reflexões e lições ainda estão presentes em muito da nova produção literária no Brasil.

Finalmente, não podemos deixar de mencionar as novas formas de acesso à Literatura Infantil. Com o advento da informática é possível encontrarmos obras de autores famosos e desconhecidos sob os mais diversos formatos, em CDs ou na internet, os quais além de proporcionarem uma nova forma de leitura, mais dinâmica e dotada de gráficos e cores, também podem permitir ao leitor interagir com o texto, conduzir a história.

Diante de tudo que foi apresentado, nós educadores, temos que ter consciência de que ler e compreender é importante para criança, pois resgata valores além de incentivar ao raciocínio. Seja da forma que for, de gibis ao computador, de poesia a histórias, não importa. É preciso incentivar as crianças à leitura para no futuro termos jovens e adultos dotados de um pouco mais de senso crítico e sensibilidade.

REFERÊNCIAS

- COELHO, Nelly Novaes. *A Literatura Infantil*. São Paulo: Quíron, 1994.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil Teoria e Prática*. São Paulo: Ática, 1996.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Ática, 1999.
- MACHADO, Maria.Clara. *Teatro Completo*. Rio de Janeiro, Agir, 1998.
- ZILBERMAN, Regina. *A produção cultural para criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.